

LIAMES, Campinas, SP, v. 21, 1-17, e021004, 2021

A distinção contável-massivo no kheuól do Uaçá

Glauber Romling da Silva

Universidade Federal do Amapá, Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-4286-159X>

ABSTRACT: This paper describes the main contrasts of the count/mass distinction of the Kheuól do Uaçá nouns. Kheuól do Uaçá is a French-based creole language spoken by two distinct indigenous peoples, Karipuna and Galibi-Marworno, who share the same territory (Terras Indígenas do Uaçá and Juminã) at the Oiapoque municipality, Amapá state, Brazil, in the French Guiana border. Both varieties of the Kheuól do Uaçá are underdocumented, especially the Galibi-Marworno described in this paper. Almost all nouns combine with numerals (*kwak* ‘flour’ is the only exception); almost all quantifiers and quantity modifiers show no restriction in combination with notionally count and mass nouns (*un de thoa* ‘some’ only combine with notionally count nouns); and all nouns can be pluralized with the plural definite article *-iela*. Whereas almost all nouns can be counted, the relevant contrast is held in the capacity of notionally mass nouns to be open for unbounded denotations. This capacity can be captured by the fact that notionally mass nouns recover the third person singular pronoun *i/li* as anaphora for sortal names in bare noun phrases contexts (neutral for number); on the other hand, notionally count nouns recover the third person plural pronoun *ie* as anaphora at the same contexts.

KEYWORDS: Count/mass distinction; Creole languages; Indigenous languages

RESUMO: Este artigo descreve os principais contrastes da distinção contável/massivo dos nomes no kheuól do Uaçá. O kheuól do Uaçá é uma língua crioula de base francesa falada por dois povos indígenas distintos, Karipuna e Galibi-Marworno, que compartilham o mesmo território (Terras Indígenas do Uaçá e Juminã) em Oiapoque, Amapá, Brasil, na fronteira com a Guiana Francesa. Ambas as variedades do kheuól do Uaçá são subdocumentadas, principalmente a Galibi-Marworno descrita neste artigo. Quase todos os nomes combinam-se com numerais (*kwak* ‘farinha’ é a única exceção); quase todos os quantificadores e modificadores de quantidade não mostram restrições na combinação com nomes nocionalmente contáveis e massivos (*un de thoa* ‘alguns, uns’ se combina somente com nomes nocionalmente contáveis); e todos os nomes podem ser pluralizados com o artigo definido plural *-iela*. Considerando que quase todos os nomes podem ser contados, o contraste relevante está presente na capacidade de nomes nocionalmente massivos serem abertos para denotações *unbounded*. Esta capacidade pode ser capturada pelo fato de nomes nocionalmente massivos recuperarem a terceira pessoa do singular *i/li* como anáfora para nomes *sortal* em contextos de nominais nus (neutros para número); por outro lado, nomes nocionalmente contáveis recuperam a terceira pessoa do plural *ie* como anáfora nos mesmos contextos.

PALAVRAS-CHAVE: Distinção contável/massivo; Línguas crioulas; Línguas indígenas

1. Introdução

O kheuól do Uaçá (ou apenas kheuól) é uma língua crioula de base francesa compartilhada por dois povos indígenas de origens bem diferentes. Os Karipuna e Galibi-Marworno vivem, atualmente, nas Terras Indígenas do Uaçá e Juminã, localizadas no município de Oiapoque, Estado do Amapá, extremo norte do Brasil, na fronteira com a Guiana Francesa. Os Karipuna somam 2922 indivíduos (Instituto Socioambiental 2020a), enquanto os Galibi-Marworno, 2529 (Instituto Socioambiental 2020b). Historicamente, os Galibi-Marworno descendem de ancestrais Carib e Aruak (Gallois; Grupioni 2003). Os Karipuna, por sua vez, descenderiam de indígenas de origem Tupi e brasileiros fugidos da Cabanagem, revolta colonial ocorrida na primeira metade do século XIX no município de Cameté, atual estado do Pará, mais ao sul (Tassinari 1998).

Até o ano de 1900, a França não reconhecia o rio Oiapoque como limite entre a Guiana Francesa e o Amapá, mas o rio Araguari, mais ao sul. O imbróglio ficou conhecido como

Contestado franco-brasileiro e só foi resolvido através de um laudo pericial arbitrado por Walter Hauser, presidente da Suíça, que utilizou como principal argumento o Tratado de Utrecht assinado em 1713 entre Portugal e França (Silva; Rückert 2009). Esse tratado reconhecia o rio Oiapoque como limite entre os dois Estados. O Brasil, como herdeiro do Império Português, consolidou sua soberania sobre a região.

O kheuól do Uaçá faz parte do *continuum* de línguas crioulas de base francesa nascidas durante a ocupação imperial francesa do Caribe e de seu entorno. Diferencia-se do créole guyanais, do qual deriva, em termos de léxico e gramática (Alleyne; Ferreira 2007; Tobler 1983). As variedades do kheuól do Uaçá faladas pelos povos Karipuna e Galibi-Marworno foram herdadas nesse contexto de intensas trocas comerciais, conflitos e alianças que incluiu, em diferentes momentos, povos indígenas Carib, Aruak e Tupi, negros e árabes provenientes de regiões do oeste da África e colonizadores franceses, portugueses, brasileiros, holandeses, ingleses e espanhóis. O créole guyanais é língua franca da Guiana Francesa desde seu surgimento provável entre 1676 e 1809 (Cavlak 2016). O kheuól do Uaçá, que se desenvolveu a partir da consolidação da fronteira no início do século XX, atualmente tem o mesmo *status* de língua franca para os povos indígenas habitantes da região, apesar de a presença do português com esse papel ser cada vez maior. O kheuól do Uaçá seria o único caso relatado de língua de origem crioula adotada como primeira língua por povos indígenas (Alleyne; Ferreira 2007). A diversidade linguística presente no Uaçá a coloca no mapa das regiões multilíngues da Amazônia (Stenzel et al. [no prelo]).

2. Objetivos, organização do trabalho e contribuições

Este trabalho tem por objetivo descrever aspectos da distinção entre nomes nocionalmente contáveis e massivos do kheuól do Uaçá na variedade falada pelos Galibi-Marworno. Na seção 3, descrevemos a metodologia utilizada. Na seção 4, falamos sobre a distribuição e interpretação dos nominais nus (*bare noun phrases*). Adiante, abordamos a combinação dos nomes com numerais (seção 5), quantificadores e modificadores de quantidade (seção 6) e com o morfema de plural *-iela* (seção 7). Na seção 8, descrevemos as interpretações de volume, cardinalidade e tamanho dos nomes. Na seção 9, apresentamos a distinção entre nomes que resistem a uma interpretação do tipo *unbounded* e aqueles abertos a essas denotações. Na seção 10, fazemos as conclusões.

A tipologia de gramáticas de nomes (Chierchia 1998a, 1998b, 2010 *apud* Lima 2014) pode variar em três tipos: línguas que marcam número (inglês), línguas com classificadores (chinês) e línguas neutras para número (dêne suliné). Os critérios que as distinguem são (i) restrição combinatória direta entre numerais e nomes nocionalmente massivos, (ii) a restrição combinatória de grupos de determinantes e nomes nocionalmente contáveis e massivos e (iii) a presença de classificadores. O kheuól apresenta algum grau de restrição em relação aos critérios (i-ii) e não apresenta classificadores explícitos.

O kheuól do Uaçá permite que tanto nomes nocionalmente contáveis quanto nocionalmente massivos ocorram imediatamente após numerais, a única exceção é o nome *kwak* ‘farinha’ (**de kwak* ‘duas farinhas’) que necessita de uma palavra de medida (*de sak kwak* ‘dois sacos de farinha’). Em relação aos quantificadores, somente *un de thoa* ‘alguns, uns’ apresenta restrição em relação a nomes nocionalmente massivos (**un de thoa djilo* ‘algumas águas’ vs. *un de thoa tximun* ‘algumas crianças’). Todos os demais quantificadores ocorrem indistintivamente com nomes nocionalmente contáveis e massivos. O artigo plural *-iela*, que sempre denota definitude, não é flexional e ocorre sem restrições com todos os nomes. Nomes nocionalmente contáveis em geral tem uma interpretação cardinal para a pergunta “quem tem mais X?”, enquanto nomes nocionalmente massivos a interpretam através de um padrão volumétrico. O termo equivalente a ‘grande’, *gho*, têm menos restrições combinatórias

do que os termos referentes a ‘pequeno/ pouco’, *pitxit* e *txi-*. As restrições encontradas geralmente recaem nas combinações com nomes nocionalmente massivos.

A distinção contável-massivo está presente na gramática do kheuól do Uaçá apesar das pouquíssimas restrições em relação a um conjunto de contrastes geralmente relatados nas abordagens clássicas (Pelletier; Schubert 1989; Barner; Snedecker 2005; Chierchia 1998a, 1998b, 2010; Rothstein 2010), que são, a saber: a combinação de todos os nomes com numerais, com quantificadores e modificadores de quantidade, com o plural, e com os termos que denotam as noções de ‘grande’ e ‘pequeno’. Assim como para o haitiano,¹ todos os nomes parecem ser abertos a denotações do tipo *bounded*, com ou sem palavras de medida explícitas, mas a situação é diferente em relação à possibilidade de leituras do tipo *unbounded*, que mostra restrições em nomes nocionalmente contáveis (Aboh; DeGraff 2014 *apud* Paul; Zribi-Hetz; Glaude a aparecer). O diagnóstico que faz emergir essa distinção observa a ocorrência de anáforas pronominais que recuperam nomes nocionalmente contáveis e massivos neutros em relação a número (quantidade ou volume), os nominais nus (*bare noun phrases*) do tipo *sortal* (Löbner 1985, 2011). Nomes nocionalmente contáveis resistem a anáforas com o pronome de terceira pessoa singular *i/li*, e apresentam o pronome de terceira pessoa do plural *ie*. Nomes nocionalmente massivos aceitam anáforas somente com *i/li*. A ideia é que nomes nocionalmente massivos, que podem ser interpretados de maneira contínua ou como um volume não-atomizado (*unbounded*), recuperam a anáfora no singular. Nomes nocionalmente contáveis (*bounded*) que, por sua vez, não podem ser interpretados de maneira contínua, mas somente como instâncias atomizadas e discretas, rejeitam a anáfora no singular e utilizam o pronome plural.

Os dados do kheuól nos levam a observar a expressão da pluralidade que distingue contáveis e massivos em outros fenômenos gramaticais, como a codificação de anáforas. No limite, embora de maneira não peremptória, podemos dizer que, por não apresentar classificadores² e mostrar alguma restrição combinatória entre numerais e um nome massivo (*kwak* ‘farinha’) e entre apenas um determinante (*un de thoa* ‘alguns, uns’) e nomes massivos, a classificação do kheuól de acordo com a tipologia de Chierchia (1998a, 1998b, 2010) seria mais próxima do inglês. Os poucos contrastes que a tipologia de Chierchia revela à luz dos dados do kheuól forçam uma mudança de pergunta. Com a quase irrestrita combinação de numerais com nomes, a pergunta ‘que nomes podem ser contados?’ é quase irrelevante. Em seu lugar, os contrastes mais expressivos ocorrem quando nos perguntamos ‘que nomes são abertos a leituras mais contínuas (massivas)?’.

3. Metodologia

Este trabalho é baseado num *corpus* de cerca de 3200 entradas lexicais construído com o programa FLEx.³ As principais pessoas consultadas para a checagem dos dados foram dois falantes adultos da variedade Galibi-Marworno do kheuól do Uaçá, com idades aproximadas (de 40 a 50 anos), um homem e uma mulher, com nível superior de escolaridade. Utilizou-se como roteiro principal, o questionário elaborado por Lima; Rothstein (2020) e os apontamentos e diagnósticos presentes em Paul; Zribi-Hertz; Glaude (a aparecer) para o haitiano, outra língua crioula de base francesa melhor estudada.

¹ O kheuól tem um perfil gramatical semelhante ao encontrado para línguas crioulas de base francesa em geral. A maior contribuição de línguas indígenas consiste na formação do léxico da flora e da fauna, além de termos culturalmente marcados, com a ocorrência de termos de origem Carib, Aruak e Tupi.

² Ao menos explicitamente não os apresenta. Para uma discussão, ver Paul, Zribi-Hertz & Glaude (a aparecer).

³ Disponível em <https://software.sil.org/fieldworks/>. Acesso em 29/10/2020.

4. Nominais nus

Nominais nus (*bare nouns*) não apresentam nenhum morfema funcional em sua estrutura. O sintagma determinante em kheuól pode ter os morfemas *-la* definido singular (30), *-iela* ‘definido plural’ (27), os determinantes antepostos *sa* ‘demonstrativo’ (5), *un* indefinido singular (8), numerais (seção 6) e quantificadores (seção 6). Os nominais nus podem ocorrer de maneira generalizada em qualquer posição possível para sintagmas nominais, como sujeito (1), complemento de V (2), complemento de P (3), complemento de *a* (4) e *sa* (5).⁴ O padrão ortográfico utilizado nos exemplos é o consolidado em Silva *et al.* (2019a) para a variedade Galibi-Marworno.

- (1) **Mun** pa ka pedji isila.

Mun pa ka pedji isila
Gente não PROG perder aqui
‘Pessoas não se perdem aqui.’

- (2) Gãĩ xẽ, **pul**, **xuval** isila.

Gãĩ xẽ, pul, xuval isila
Ter cachorro, galinha, cavalo aqui
‘Tem **cachorro**, **galinha**, **cavalo** aqui.’

- (3) Mo ale la **lekól**.

Mo ale la lekól
Eu ir a escola
‘Eu fui à **escola**.’

- (4) Mo ka koze dji uót mãje dji no més ki a **kwak**.

Mo ka koze dji uót mãje dji no més
Eu PROG falar de outro comidade nossa cultura
ki a kwak
que ser farinha
‘Eu estou falando de outra comida de nossa cultura que é a **farinha**.’

- (5) Ie sa **mét** dji sa ahtxi.

Ie sa mét dji sa ahtxi
Eles ser mestre de DEM arte
‘Eles são os **mestres** desta arte.’

A interpretação dos nominais nus pode ser do tipo *sortal*, que tem um grupo aberto de instâncias (1-5), neutras para número, ou do tipo *names*, que pressupõem unicidade (6-7) (Löbner 1985, 2011).⁵

⁴ Descrevemos *sa* como uma cópula que ocorre antes de nomes predicativos; *a* ocorre nos demais contextos.

⁵ As noções de *sortal* e *name* referem-se à cardinalidade da denotação, se com grupos de instâncias abertas numericamente, *sortal*; se únicas, *name*. Já as noções de *bounded* e *unbounded* (seção 9) referem-se à substancialidade da denotação; se individualizável, *bounded*; se não individualizável, *unbounded*. Os termos contável e massivo são usados para designar nomes em relação à sua nocionalidade inerente, independentemente das denotações possíveis.

- (6) Jodla
- lalin**
- oplen.

Jodla lalin oplen
 Hoje lua cheia
 ‘Hoje é **lua**-cheia.’

- (7) Kumã mo ke dji ‘dekud’ la
- potxuge**
- ?

Kumã mo ke dji ‘dekud’ la potxuge
 Como eu IRR dizer ‘dekud’ em português
 ‘Como eu digo ‘descosturar’ em **português**?’

Nomes do tipo *sortal* podem ser interpretados como nomes do tipo *names* em contextos construídos discursivamente. Em (8), apresentamos um trecho que conta como uma grande cobra virou o rio Uaçá (Silva et al. 2019b). Nessa passagem, o termo *lahivie* ‘rio’ aparece especificado na primeira menção com o nome próprio *lahivie Uaçá* ‘rio Uaçá’, na menção seguinte, embora definido e específico, dispensa o artigo definido *-la*.

- (8) Boku anê deie i pa te gãïê
- lahivie Uaçá**
- [...] i te gãïê un gho kulév [...] i te ka

Boku anê deie i pa te gãïê lahivie Uaçá [...]
 Muito ano atrás 3SG não PST ter rio Uaçá [...]
 i te gãïê un gho kulév [...] i te ka
 3SG PST ter INDF grande cobra [...] 3SG PST PROG
 vihe lahivie
 virar rio
 ‘Muito tempo atrás não havia **o rio Uaçá** [...] havia uma grande cobra [...] ela virou **o rio**.’

Nesta seção vimos que nominais nus em *kheuól* assumem variadas posições sintáticas, além disso, mesmo sendo uma língua com artigos que codificam singular e plural (seção 9), os nominais nus em *kheuól* podem ter denotações distintas em termos de unicidade. Na próxima seção, apresentamos a interação de nomes nocionalmente contáveis e massivos com os numerais.

5. Numerais

Os numerais no *kheuól* do Uaçá têm rótulo fonético semelhante daqueles encontrados em francês.

Tabela 1: Numerais cardinais no *kheuól* do Uaçá

Numeral	Kheuól	Numeral	Kheuól	Numeral	Kheuól
1	<i>un</i>	11	<i>õz</i>	30	<i>thât</i>
2	<i>de</i>	12	<i>duz</i>	40	<i>kahât</i>
3	<i>thwa, twa</i>	13	<i>théz</i>	50	<i>sêkan</i>
4	<i>kat</i>	14	<i>katóz</i>	60	<i>swasât</i>
5	<i>sêk</i>	15	<i>kêz</i>	70	<i>swasâtdjis</i>
6	<i>sis</i>	16	<i>séz/djiséz</i>	80	<i>kathevê</i>

7	<i>sét</i>	17	<i>djiset</i>	90	<i>kathevêdjis</i>
8	<i>iwit</i>	18	<i>djizuit</i>	100	<i>sã</i>
9	<i>néf</i>	19	<i>djiznéf</i>		
10	<i>djis</i>	20	<i>vê/vêt</i>		

Os numerais podem ser diretamente combinados a quase todos os nomes (9-11). Apontou-se como única exceção, a palavra *kwak* para farinha (12):

(9) Ped we **thwa tximun**.

Ped we thoa tximun
Pedro ver três criança
'Pedro viu **três crianças**.'

(10) An axte **de banana**.

An axte de banana
Ana comprar dois banana
'Ana comprou **duas bananas**.'

(11) An pote **de djilo**.

An pote de djilo
Ana trouxe dois água
'Ana trouxe **duas águas**.'

Contexto de (11): Ana está preparando suco. Ela trouxe duas cuias de água.

(12) An pote **de sak kwak**. (*An pote de kwak).

An pote de sak kwak
Ana trazer dois saco farinha
'Ana trouxe **dois sacos de farinha**. /*Ana trouxe duas farinhas'

Contexto de (12): Ana é responsável por preparar um bolo para sua mãe. Ela trouxe dois sacos de farinha para prepará-lo.

A farinha é um alimento culturalmente bastante relevante para os indígenas da região do Uaçá e Juminã. Os Karipuna e os Galibi-Marworno são grandes produtores de farinha e produzem não só para a sua subsistência, mas também para o abastecimento dos comércios de Oiapoque. As medidas de contagem básicas são o saco de farinha para as porções menores que são vendidas nas feiras locais ao consumidor final e as sacas, que consistem nas porções maiores vendidas aos distribuidores. Não encontramos a mesma obrigatoriedade de uma palavra de medida para nenhum outro termo nocionalmente massivo.

(13) An pote **de zahiko**.

An pote de zahiko
Ana trazer dois feijão
'Ana trouxe **dois (copos de) feijões**.'

Contexto: Ana é responsável por preparar a sopa. Ela trouxe dois copos de feijão para prepará-la.

- (14) Jã pote
- sêk djisé**
- .

Jã pote sêk djisé
 João trazer cinco sal
 ‘João trouxe **cinco (porções de sal) “sais”**.’

Contexto: João ficou de trazer o sal para a comida do almoço.

- (15) Jã pote
- de djisã**
- .

Jã pote de djisã
 João trazer dois sangue
 ‘João trouxe **dois (potes de sangue) “sanguês”**.’

Contexto: João coleta sangue no postinho da aldeia. Ele traz alguns para serem analisados.

O *kheuól* se apresenta como uma língua que parece ter poucas restrições combinatórias em relação a numerais e nomes nocionalmente distintos. A exceção a isso é a palavra *kwak* ‘farinha’, culturalmente muito marcada, única no nosso *corpus* que necessita de uma palavra *container* para intermediar a relação entre numerais e um termo nocionalmente massivo. Na seção 6, quantificadores e modificadores de quantidade apresentam tendência combinatória semelhante ao de numerais: quase nenhuma restrição em relação a nomes nocionalmente distintos e apenas uma exceção combinatória que envolve massivos.

6. Quantificadores e modificadores de quantidade

Quantificadores e modificadores de quantidade precedem os nomes em *kheuól*. Em *kheuól*, *boku* (muito), *xak* (cada), *hẽ* (só), *to* (bastante), *tu* (todos), *aie* (nada), *nen* (nenhum), *sél* (somente), *tut* (todo), *tahot* (um bocado), *xaken* (cada um) e *tximoho* (pouco) combinam-se com quaisquer nomes sem restrições (16-19a). A única exceção fica a cargo de *un de thoa* ‘alguns’, que é agramatical com nomes nocionalmente massivos (19b, 21, 23).

- (16) Mo we
- boku tximun**
- la komunte.

Mo we boku tximun la komunte
 Eu ver muito criança em comunidade
 ‘Eu vi **muitas crianças** na comunidade. / Eu vi **muita criança** na comunidade.’

- (17) Mo we
- to xéz**
- la komunte.

Mo we to xéz la komunte.
 Eu ver muito cadeira em comunidade
 ‘Eu vi **bastante cadeira** na comunidade.’

- (18) Mo we
- aie lěj**
- la komunte.

Mo we aie lěj la komunte.
 Eu ver nada roupa em comunidade
 ‘Eu vi **nada de roupa** na comunidade.’

- (19a) Mo we
- tximoho djilo**
- la komunte.

Mo we tximoho djilo la komunte.
 Eu ver pouco água em comunidade
 ‘Eu vi **pouca água** na comunidade.’

(19b) *Mo we **un de thoa djilo** la komunite.

Mo we **un de thoa djilo** la komunite.
Eu ver alguns água em comunidade

(19c) Mo we **xaken djilo** la komunite.

Mo we **xaken djilo** la komunite.
Eu ver cada.um água em comunidade
'Eu vi **cada uma das águas** na comunidade.'

A inserção de um nome que denota recipiente é necessária para tornar o exemplo (19b) gramatical (20). O mesmo ocorre com outros nomes massivos (21-24).

(20) Mo we **un de thoa butei djilo** la komunite.

Mo we un de thoa butei djilo la komunite
Eu ver alguns garrafa água em comunidade
'Eu vi **algumas garrafas de água(s)** na comunidade.'

(21) *Te gãiẽ **un de thoa tafia** la komunite.

Te gãiẽ un de thoa tafia la komunite.
PST ter alguns cachaça em comunidade

(22) Te gãiẽ **un de thoa butei tafia** la komunite.

Te gãiẽ un de thoa butei tafia la komunite
PST ter alguns garrafa cachaça em comunidade
'Tinha **algumas garrafas de cachaça** na comunidade.'

(23) *Te gãiẽ **un de thoa kwak** la komunite.

Te gãiẽ un de thoa kwak la komunite.
PST ter alguns farinha em comunidade

(24) Te gãiẽ **un de thoa sak kwak** la komunite.

Te gãiẽ un de thoa sak kwak la komunite.
PST ter alguns saco farinha em comunidade
'Tinha **alguns sacos de farinha** na comunidade.'

O termo *un de thoa* parece ser o único a denotar um número de instâncias indefinido plural, porém necessariamente discreto e cardinalmente pequeno (como um tipo de paucal). Termos semelhantes, como *xaken* (cada um), que é indefinido plural e discreto, talvez não exibam as mesmas restrições, pois não delimitam o cardinalmente o número de instâncias (19c), que pode ser virtualmente muito grande. Na seção 7, apresentamos a codificação de número através do plural.

7. Plural

O artigo *-iela* denota pluralidade e definitude e opõe-se ao *-la*, que denota singularidade e definitude. Não é obrigatório quando seguido de numerais. Todos os nomes podem receber

-iela (26-28). Nomes nocionalmente massivos denotam porções ou tipos (28) quando pluralizados, à exceção de *kwak* ‘farinha’ (29).

(25) Mahi we **thoa tximun/xéz/djilo/lěj**.

Mahi we thoá tximun/xéz/djilo/lěj.
 Maria ver três criança/cadeira/água/roupa.
 ‘Maria viu **três crianças/cadeiras/águas/roupas.**’

(26) Mahi we **thoa tximun-iela/xéz-iela/djilo-iela/lěj-iela**.

Mahi we thoá tximun-iela/xéz-iela/djilo-iela/lěj-iela.
 Maria ver três criança-DEF.PL/cadeira-DEF.PL/água-DEF.PL/roupa-DEF.PL.
 ‘Maria viu **as três crianças/cadeiras/águas/roupas.**’

(27) Jan we **tximun(-iela)**.

Jan we tximun-iela
 Jan ver criança-DEF.PL
 ‘Jan viu **(as) crianças.**’

(28) Jan we **duhi(-iela)**.

Jan we duhi-iela
 Jan ver arroz-DEF.PL
 ‘Jan viu **as porções/tipos diferentes de arroz**’

(29) Jan we **kwak(*-iela)**

Jan we kwak-iela
 Jan ver farinha-DEF.PL

Podemos dizer que o *kheuól* se apresenta como uma língua sem flexão de número obrigatória. Na seção 8, apresentamos a codificação das noções de volume, cardinalidade e tamanho.

8. Volume, cardinalidade e tamanho

Nomes nocionalmente contáveis apresentam respostas cardinais para perguntas do tipo “quem tem mais X?”, enquanto nomes nocionalmente massivos, apresentam respostas em termos de volume. A palavra *gho* pode aparecer com nomes nocionalmente contáveis, e significa ‘grande’ (30-33). Também pode ocorrer com nomes nocionalmente massivos e significa grande volume ou quantidade (34-35). Em ambos os casos é bem produtiva.

(30) Mo we **gho wom-la**.

Mo we gho wom-la
 Eu ver grande homem-DEF.SG
 ‘Eu vi o **homem grande.**’

(31) Mo we **gho pak-la**.

Mo we gho pak-la
 Eu ver grande paca-DEF.SG
 ‘Eu vi **a paca grande.**’

(32) Mo we **gho xéz-la**.

Mo we gho xéz-la
Eu ver grande cadeira-DEF.SG
'Eu vi **a cadeira grande**.'

(33) Mo we **gho lěj-la**.

Mo we gho lěj-la
Eu ver grande roupa-DEF.SG
'Eu vi **a roupa grande**.'

(34) Mo we **gho djilo-la**.

Mo we gho djilo-la
Eu ver grande água-DEF.SG
'Eu vi **a água (em) grande (quantidade)**.'

(35) Mo we **gho kwak-la**.

Mo we gho kwak-la
Eu ver grande farinha-DEF.SG
'Eu vi **a farinha (em) grande (quantidade)**.'

O mesmo não pode ser dito da palavra *pitxit*. Ela pode ocorrer somente com nomes contáveis e assume diferentes significados, como 'filho', 'filhote' ou 'fruto' de algo (36-38). No mesmo ambiente sintático, não corresponde a 'pequeno' ou 'pouco', como mostra a agramaticalidade em (39)

(36) Mo we **un pitxit wom**.

Mo we un pitxit wom
Eu ver um pequeno homem
'Eu vi **um filho homem** \ #Eu vi um homem pequeno.'

(37) Mo we **un pitxit pak**.

Mo we un pitxit pak
Eu ver um pequeno paca
'Eu vi **um filhote de paca** \ #Eu vi uma paca pequena.'

(38) Mo we **un pitxit banan**.

Mo we un pitxit banan
Eu ver um pequeno banana
'Eu vi **um fruto de banana** \ #Eu vi uma banana pequena.'

(39) *Mo we **un pitxit djilo**.

Em outros ambientes sintáticos, a palavra *pitxit* parece se comportar mais como um modificador verbal que significa 'pouco' com nocionalmente massivos (40) e 'pequeno' com nocionalmente contáveis (41).

(40) Si vini bie, vini boku; si vini **tafia**, vini **pitxit**.

Si vini bie, vini boku; si vini tafia, vini pitxit
 se vir cerveja, vir muito; se vir cachaça, vir pouco
 ‘Se vier cerveja, vem muito; se vier **cachaça**, vem **pouco**.’

(41) Mo le **fwi** ki gho o ki **pitxit**.

Mo le fwi ki gho o ki pitxit
 Eu querer fruta que grande ou que pequeno
 ‘Eu quero **fruta** da grande ou da **pequena** (tanto faz).’⁶

O prefixo *txi-*, descrito como diminutivo, é bem produtivo com palavras nocionalmente contáveis (42a-b) e massivos (42c-d). Com alguns nomes que podem ser nocionalmente massivos, não se combina de maneira direta (42e-f).

(42a) Txipwasõ.

txi-pwasõ
 DIM-peixe
 ‘Peixinho.’

(42b) Txitét.

Txi-tét
 DIM-cabeça
 ‘Cabecinha.’

(42c) Jã we un **txidjilo**.

Jã we un txi-djilo
 João ver um DIM-água
 ‘João viu uma aguinha (uma pequena porção).’

(42d) Jã we un **txikwak**

Jã we un txi-kwak
 João ver um DIM-farinha
 ‘João viu uma farinhazinha (uma pequena porção).’

(42e) Txipedas laxe.

txi-pedas laxe
 DIM-pedaço carne
 ‘Pedacinho de carne.’

(42f) Txipedas bwa

txi-pedas bwa
 DIM-pedaço madeira
 ‘Pedacinho de madeira/ #madeira pequena’

⁶ Nomes contáveis expressam a noção de ‘poucos’ com o termo *tximoho*: *tximoho wom* ‘poucos homens’, *tximoho fwi* ‘poucas frutas’.

O prefixo *txi-* deriva significados não composicionais, com destaque para palavras que denotam estágios da vida, parentesco, espécies de passarinho e objetos inerentemente pequenos ou menores (43a-d). Ocorre lexicalizado em alguns nomes, sobretudo em nomes da fauna local de pássaros (43e).

- (43a) Txibwa ‘Galho’ / ‘#madeira pequena’ (cf. 42f)
 (43b) Tximun ‘Criança’ / ‘#gente pequena.’
 (43c) Txifam ‘Menina’ / ‘#mulher pequena.’
 (43d) Txiximiz ‘Camiseta’ / ‘#camisa pequena.’
 (43e) Txizozo ‘Espécie de passarinho.’

Em kheuól, a denotação de grandeza é codificada de maneira menos restrita, com o uso de uma mesma palavra para nomes nocionalmente contáveis ou massivos (*gho*). Já a denotação de pequenez é codificada de maneira mais restrita e diversa, com o uso de *pitxit*, que ocorre com contáveis, e *txi-*, que não ocorre diretamente com alguns massivos. Todos, *gho*, *pitxit* e *txi-*, podem derivar significados não necessariamente composicionais. Na próxima seção, abordamos a capacidade de alguns nomes serem abertos a leituras mais contínuas através do diagnóstico da anáfora pronominal. Os contrastes verificados fazem emergir a distinção entre contáveis e massivos de maneira mais evidente.

9. A distinção entre nomes *bounded* e *unbounded*

Os nomes em kheuól parecem não demonstrar diferenças em relação à sua ‘contabilidade’. Todos os nomes do tipo *sortal* podem ser precedidos de numerais e quase não há restrições quanto a quantificadores e modificadores de quantidade. A única exceção é *un de thoa* ‘alguns’, que denota instâncias plurais necessariamente discretas e de pouco número. A capacidade de nomes nocionalmente massivos serem contáveis (exceto *kwak* ‘farinha’) sem classificadores explícitos não nos informa sobre a capacidade de serem abertos a leituras contínuas.

Em anáforas pronominais, o pronome *ie* de terceira pessoa plural somente pode ser utilizado com denotações do tipo *bounded*, equivalente às dos nocionalmente contáveis (44-45), já denotações do tipo *unbounded*, equivalente às dos nocionalmente massivos⁷ (46-47), não podem usar o pronome de terceira pessoa plural (usam o singular *i* para referentes não-humanos e *li* para referentes humanos). Esse diagnóstico aplicado ao haitiano (Paul; Zribi-Hertz; Glaude, a aparecer) mostra contrastes semelhantes em kheuól.

- (44) Mahi kōtã **tximun**, mē **ie**/*li tho ãbetã.

Mahi kōtã	tximun,	mē	ie/*li	tho	ãbetã
Maria	gostar	criança	mas	3PL/*3SG.H	muito ser.danado

‘Maria gosta de **criança**, mas **elas** são muito danadas.’

- (45) Mahi kōtã **xē**, mē **ie**/*li tho ãbetã.

Mahi kōtã	xē,	mē	ie/*i	tho	ãbetã.
Maria	gostar	cachorro,	mas	3PL/*3SG	muito ser.danado

‘Maria gosta de **cachorro**, mas **eles** são muito danados.’

⁷Enquanto termos como contável e massivo referem-se a características inerentes e estáveis dos nomes, os termos *bounded* e *unbounded* são usados para a referência de denotações distintas de tipo contável (*bounded*) e de tipo massivo (*unbounded*). Nomes contáveis podem ter leituras do tipo *unbounded* (tinha criança para todo lado); nomes massivos podem ter leituras do tipo *bounded* (comprei três águas).

Nomes como em (44-45) resistem a uma interpretação massiva e contínua. Embora refiram-se a nominais nus neutros quanto a número, a ausência de alguma marca de singularidade no antecedente engatilha a anáfora com o pronome de terceira pessoa plural *ie*. Nomes que denotam entes massivos e expansíveis (46-47) são abertos para uma denotação contínua (*unbounded*).

(46) Mahi axte **djilo**, mẽ *i/*ie* te tho xe.

Mahi	axte	djilo,	mẽ	<i>i/*ie</i>	te	tho	xe
Maria	comprar	água,	mas	3PL/*3PL	PST	muito	ser.caro

‘Maria comprou **água**, mas **ela** estava muito cara.’

(47) Mahi axte **kwak**, mẽ *i/*ie* te tho xe.

Mahi	axte	kwak,	mẽ	<i>i/*ie</i>	te	tho	xe
Maria	comprar	farinha,	mas	3PL/*3PL	PST	muito	ser.caro

‘Maria comprou **farinha**, mas **ela** estava muito cara.’

Nomes do tipo *tximun* ‘criança’ e *xẽ* ‘cachorro’ resistem a uma leitura *unbounded*. Alguns nomes aceitam ora o singular *i*, ora o plural *ie*, mas cada caso mostra leituras diferentes do mesmo nome. Em (48), o uso de *i* denota que o nome *banan* ‘banana’ é *unbounded* e de apenas um tipo. O exemplo (49) com *ie* é ambíguo: denota que há tipos variados de banana (banana-nanica, da terra, prata, etc.), mas também pode denotar apenas um tipo.

(48) Mahi kõtã **banan**, mẽ *i* tho xe.

Mahi	kõtã	banan,	mẽ	<i>i</i>	tho	xe
Maria	gosta	banana,	mas	3SG	muito	ser.caro

‘Maria gosta de **banana**, mas **ela** está muito cara.’

(49) Mahi kõtã **banan**, mẽ *ie* tho xe.

Mahi	kõtã	banan,	mẽ	<i>ie</i>	tho	xe
Maria	gostar	banana,	mas	3PL	muito	ser.caro

‘Maria gosta de **banana**, mas **elas** estão muito caras.’

Em (50), a anáfora apresenta o mesmo comportamento dos nomes *bounded* quando o nome *pul* ‘galinha’ refere-se a uma criação de galinhas. Quando o nome *pul* se refere à comida carne de galinha (51), o comportamento é de *unbounded*.

(50) Mahi kõtã **pul**, mẽ *ie /*i* tho sal.

Mahi	kõtã	pul,	mẽ	<i>ie /*i</i>	tho	sal
Maria	gostar	galinha,	mas	3PL/*3SG	muito	ser.sujo

‘Maria gosta de **galinha**, mas **elas** são muito sujas.’

(51) Mahi kõtã **pul**, mẽ **ie / i* gãiẽ gu djifehã.

Mahi	kõtã	pul,	mẽ	<i>*ie / i</i>	gãiẽ	gu	djifehã
Maria	gostar	galinha,	mas	3PL/3SG	ter	gosto	diferente

‘Maria gosta de **galinha**, mas **ela** tem um gosto diferente.’

Por fim, nomes que podem ser considerados nocionalmente agregados mostram interpretação ambígua ou aberta quando realizam a anáfora com *i* ou *ie*.

(52) Mahi axte **lěj**, mẽ **i** / **ie** te tho xe.

Mahi axte lěj, mẽ i/ie te tho xe
 Maria comprar roupa, mas 3SG/3PL PST muito ser.caro
 ‘Maria comprou **roupa** (de um só tipo ou de vários), mas ela/elas estava(m) muito caras.’

Em contextos onde a anáfora força uma referência a uma palavra denotada como substância ou tipo, as ambiguidades desaparecem. No contexto abaixo, que descreve a cena de um acidente onde alguém transporta algo que tomba em uma estrada molhada, palavras como *pul* ‘galinha (criação ou galinha)’, *lěj* ‘roupa’ e *banan* ‘banana’ são invariavelmente referenciadas somente com o pronome *ie*, ou seja, perdem a capacidade de terem uma denotação *unbounded*.

(53) Apue asidã-la te gãiẽ **pul** tupatu. La finisiõ, ie /*i te tut muie.

Apue asidã-la te gãiẽ pul tupatu.
 Após acidente-DEF.SG PST ter galinha toda.parte
 La finisiõ, ie /*i te tut muie
 Em final, 3PL/*3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha **galinha** para todos os lados. No final, **elas** estavam todas molhadas.’

(54) Apue asidã-la te gãiẽ **lěj** tupatu. La finisiõ, **ie** /*i te tut muie.

Apue asidã-la te gãiẽ lěj tupatu.
 Após acidente-DEF.SG PST ter roupa toda.parte
 La finisiõ, ie /*i te tut muie
 Em final, 3PL/3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha roupa para todos os lados. No final, estavam todas molhadas.’

(55) Apue asidã-la te gãiẽ **banan** tupatu.

Apue asidã-la te gãiẽ banan tupatu.
 Após acidente-DEF.SG PST ter banana toda.parte
 La finisiõ, **ie** /*i te tut muie
 Em final, 3PL/3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha **banana** para todos os lados. No final, elas estavam todas molhadas.’

Nomes como *tximun* ‘criança’ e *xẽ* ‘cachorro’ mantêm a restrição a leituras do tipo *unbounded* e só ocorrem com *ie* no mesmo contexto. Nomes como *djilo* ‘água’, *tafia* ‘cachaça’ e *kwak* ‘farinha’ continuam abertas a leituras do tipo *unbounded*. A possível redundância denotada em (56-57) em que líquidos (água e cachaça) ficam molhados é desfeita pelo fato de a leitura semântica indicar, necessariamente, que o que se transportava eram porções dessas substâncias (garrafas, tonéis, etc.).

- (56) Apue asidã-la te gãiê **djilo** tupatu.
 Apue asidã-la te gãiê djilo tupatu.
 Após acidente- DEF.SG PST ter água toda.parte
 La finisiõ, *ie / i te tut muie
 Em final, 3PL/3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha **água** para todos os lados. No final, **ela** estava toda (as garrafas, porções, etc.) molhada.’
- (57) Apue asidã-la te gãiê **tafia** tupatu.
 Apue asidã-la te gãiê tafia tupatu
 Após acidente-DEF.SG PST ter cachaça toda.parte
 La finisiõ, *ie / i te tut muie
 Em final, 3PL/3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha cachaça para todos os lados. No final, **ela** estava toda (as garrafas, porções, etc.) molhada.’
- (58) Apue asidã-la te gãiê **kwak** tupatu.
 Apue asidã-la te gãiê kwak tupatu.
 Após acidente- DEF.SG PST ter farinha toda.parte
 La finisiõ, *ie / i te tut muie
 Em final, 3PL/3SG PST todo ser.molhado
 ‘Após o acidente tinha **farinha** para todos os lados. No final, **ela** estava toda (as sacas, porções, etc.) molhada.’

10. Conclusões

Este trabalho fez uma breve descrição de alguns contrastes que denotam a distinção entre nomes nocionalmente contáveis e massivos no kheuól do Uaçá. Quase todos os nomes podem ser combinados diretamente com numerais (a exceção de *kwak* ‘farinha’), o único termo que apresenta restrição quanto a massivos é *un de thoa* ‘alguns’ e todos os nomes podem ser pluralizados com o artigo definido *-iela* (com exceção de *kwak* ‘farinha’). Embora quase todos os nomes possam ser interpretados como contáveis (*bounded*) em kheuól, nem todos os nomes são abertos a uma interpretação massiva (*unbounded*). Em contextos que devem recuperar nomes do tipo *sortal*, neutros para número, a anáfora para interpretações de tipo *unbounded* recupera o pronome de terceira pessoa do singular *i*, já em interpretações *bounded*, o pronome *ie* de terceira pessoa do plural emerge, um diagnóstico semelhante ao que ocorre com haitiano (Paul; Zribi-Hetz; Glaude, a aparecer).

Este trabalho é uma contribuição inicial para o entendimento dos contrastes mais gerais da distinção contável-massivo na gramática do kheuól do Uaçá. Estudos futuros merecem focar em nomes que podem ter interpretações mais variáveis, como os chamados agregados, que denotam não necessariamente pluralidade de instâncias atômicas, mas de tipos (como roupas, algumas frutas, ferramentas, mobília, etc.), e de nomes do tipo duais (sapatos, olhos, braços, pernas, brincos, etc.). Este trabalho também mostrou que o contraste contável e massivo pode parecer pouco evidente quando se pergunta ‘que nomes podem ser contados?’, e que contrastes mais pervasivos podem emergir se perguntamos ‘que nomes são abertos a leituras mais contínuas (massivas)?’. Com o endereçamento de outras perguntas à luz de novos dados, este

estudo buscou ser uma contribuição para a elaboração e refinamento das teorias e tipologias de gramáticas nominais existentes.

Referências

Aboh, Enoch Olade; DeGraff, Michel (2014). Some notes on bare noun phrases in Haitian Creole and in Gungbe: A transatlantic Sprachbund perspective. In Tor A. Afarli; Brit Maehlum (eds.), *The sociolinguistics of grammar*, pp. 203-236. Amsterdam: John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/slcs.154.11abo>

Alleyne, Mervyn; Ferreira, Jo-Anne (2007). Comparative perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Kariþúna) French Creole. In Magnus Huber; Viveka Vellupilai (eds.), *Synchronic and diachronic perspectives on contact languages* [Creole Language Library 32], pp. 325-357. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. <http://doi.org/10.1075/cll.32.19fer>

Cavlak, Iuri (2016). Aspectos da colonização na Guiana Francesa e no Amapá: Visões comparadas e imbricações históricas. *Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas* 10(2): 158-181.

<https://doi.org/10.21057/repam.v10i2.21893>

<http://periodicos.unb.br/index.php/repam/issue/download/1310/repam.v10i2#page=157>

Barner, David; Snedeker, Jesse (2005). Quantity judgments and individuation: Evidence that mass nouns count. *Cognition* 97(1): 41-66. <https://doi.org/10.1016/j.cognition.2004.06.009>

Chierchia, Gennaro (1998a). Plurality of mass nouns and the notion of 'semantic parameter'. In Susan Rothstein (ed.), *Events and grammar*, pp. 53-103. Berlin, Alemanha: Springer (Kluwer).

https://doi.org/10.1007/978-94-011-3969-4_4

Chierchia, Gennaro (1998b). References to kinds across languages. *Natural Language Semantics* 6: 339-405.

<https://doi.org/10.1023/a:1008324218506>

Chierchia, Gennaro (2010). Mass nouns, vagueness and semantic variation. *Synthese* 174(1): 99-149.

<https://doi.org/10.1007/s11229-009-9686-6>

Gallois, Dominique Tilkin; Grupioni, Denise Fajardo (2003). *Povos indígenas no Amapá e Norte do Pará: Quem são, onde estão, quantos são, como vivem e o que pensam?* São Paulo, SP: Instituto Iepé.

https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/livro_povos_indigenas_no_AP_e_N_do_PA-sem_fotos.pdf

Instituto Socioambiental (2020a). *Povos indígenas no Brasil*.

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kariþuna_do_Amap%C3%A1

Instituto Socioambiental (2020b). *Povos indígenas no Brasil*.

https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Galibi_Marworno

Lima, Suzi; Rothstein, Susan (2020). A typology of the mass/count distinction in Brazil and its relevance for mass/count theories. *Linguistic Variation* 20(2): 174-218. <https://doi.org/10.1075/lv.00015.lim>

Löbner, Sebastian (1985). Definites. *Journal of Semantics* 4(4): 279-326. <https://doi.org/10.1093/jos/4.4.279>

Löbner, Sebastian (2011). Concept types and determination. *Journal of Semantics* 28(3): 279-333.

<https://doi.org/10.1093/jos/ffq022>

Paul, Moles; Zribi-Hertz, Anne; Glaude, Herby. Countability and number without number inflection: evidence from Haitian Creole (a aparecer). In Jenny Doetjes; Patricia Cabredo Hofherr (eds.), *Handbook of grammar number*. Oxford: Oxford University Press.

https://www.sfl.cnrs.fr/sites/default/files/images/countabilitynumber.vf_.pdf

Pelletier, Francis J.; Schubert, Lenhart K. (1989). Mass expressions. In Dov Gabbay; Franz Guentner (eds.), *Handbook of philosophical logic* 10: 327-407. Dordrecht, Holanda: Reidel.

https://doi.org/10.1007/978-94-009-1171-0_4

Rothstein, Susan (2010). Counting and the mass/count distinction. *Journal of semantics* 27(3): 343-397. <https://doi.org/10.1093/jos/ffq007>

Silva, Gutemberg; Rückert, Aldomar (2009). A fronteira Brasil-França: Mudança de usos político-territoriais na fronteira entre Amapá (BR) e Guiana Francesa (FR). *Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia* (7): 1-21. <https://doi.org/10.4000/confins.6040>

Silva, Jaciara da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João; Santos, Gélsama Mara dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019a). *Nate konétmã dji thavai - Liv djidatk dji methés-ielá*. Macapá, AP: Editora Unifap. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/nate-konetma-dji-thavai.pdf>

Silva, Jaciara da; Santos, Nordevaldo dos; Charles, João; Santos, Gélsama Mara dos; Silva, Glauber Romling da; Campetela, Cilene; Costa, Ingrid (orgs.) (2019b). *No Liv dji ixtwa Galibi Marworno - Liv paradjidatk dji methés-ielá*. Macapá, AP: Editora Unifap. <https://www2.unifap.br/editora/files/2019/12/no-liv-dji-ixtwa-balibi-marworno.pdf>

Stenzel, Kristine; Lüpke, Friederike; Cabalzar, Flora; Chacon, Thiago; Cruz, Aline da; Franchetto, Bruna; Guerreiro, Antonio; Meira, Sérgio; Silva, Glauber Romling da; Silva, Wilson; Storto, Luciana; Valentino, Leonor; Voort, Hein van der; Watson, Rachel (no prelo). Comparing multilingualism in Lowland South America and Western Africa. *Anthropological Linguistics*.

Tassinari, Antonella Maria I. (1998). "Karipunas" e "Brasileiros": A trajetória de dois termos. Uma contribuição à história indígena da região do Baixo Rio Oiapoque. *XXI Encontro Anual da ANPOCS*, pp. 1-32. Caxambu 27 a 31 de outubro de 1998. <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/22-encontro-anual-da-anpocs/gt-20/gt04-11/5060-atassinari-karipunas/file>

Tobler, S. Joy (1983). *The grammar of Karipúna Creole* [Série Linguística 10]. Brasília, DF: Summer Institute of Linguistics. <https://www.sil.org/resources/archives/17025>

Lista de abreviações

3	terceira pessoa
DEF	definido
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
H	humano
INDF	indefinido
IRR	irrealis
PL	plural
PROG	progressivo
PST	passado

Recebido: 18/9/2020

Versão revista 1: 7/11/2020

Versão revista 2: 16/4/2021

Aceito: 19/4/2021

Publicado: 25/4/2021